

Literatura e história em *Cabo de Guerra* de Ivone Benedetti

Benedetti

Literature and History in *Cabo De Guerra* by Ivone Benedetti

Rejane Severo Martins^{1*}

*Universidade (SIGLA)
e-mail: rejanesevero1972@gmail.com

Alai Garcia Diniz²

*Universidade (SIGLA)
e-mail: agadin2017@gmail.com

Resumo: Como o romance *Cabo de Guerra* (2016) de Ivone Benedetti se relaciona com a história dos anos de chumbo? É o que artigo pretende fazer indagar a partir de uma abordagem da memória de um agente duplo, cujo protagonismo é a traição de companheiros e o auxílio à ditadura em sua repressão e tortura, em um percurso temporal da década de 1960 ao ano de 2009. Entre lembranças familiares e o trauma de ver o pai morto, até a vinda a São Paulo, sua vida é guiada por escolhas entre uma militância de combate à ditadura e uma subserviência ao regime, vinculando-se ao próprio título da obra. Os anos de chumbo da ditadura militar no Brasil, entre 1968 à 1974 é o cenário e a narrativa vai revelando fatos e pessoas que foram referências históricas, construindo uma relação de diálogo com a própria História, destacando aproximações e distanciamentos na

¹ Graduada em Letras-Literatura pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), graduada em História, pela mesma universidade. É docente na rede pública de ensino do Paraná desde o ano de 2000, em escolas urbanas e rurais. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UNIOESTE, sob orientação da Profa. Dra. Alai Garcia Diniz. Desenvolve pesquisa mestrado sobre literatura contemporânea e romance de autoria feminina sobre a temática da ditadura militar no Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/4310037005439025>.

² Doutora na Área de Literatura Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo, com dezoito meses de pesquisa em Yale University sobre o tema do Doutorado (1995/1996). Desde 2016 atua como professora Visitante Sênior no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da UNIOESTE - campus Cascavel. Membro do Núcleo de Estudos Comparados e Pesquisas em Literatura, Cultura, História e Memória na América Latina (NuECP-PPGL/UNIOESTE). Membro do Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidades e Outras Linguagens (NELOOL/UFS). CV: <http://lattes.cnpq.br/1533451239385381>.

composição desses relatos, para tanto apresenta algumas reflexões sobre o romance brasileiro contemporâneo e a partir de uma articulação entre literatura e história, no diálogo entre pensadores tais como Mikhail Bakhtin (2010); Sandra Jatahy Pesavento (2000); Beatriz Resende (2008) e Giorgio Agamben (2009), entre outros. Concluindo, ao admitir que o papel da literatura, quando visa ultrapassar o de mera fonte documental para o estudo da história, pretende justificar-se, especialmente, no contexto entre o passado e o presente como forma de criar o pacto com o leitor. **Palavras-chave:** Literatura Contemporânea; História; Memória; *Cabo de Guerra* (2016).

Resumen: Este artículo pretende hacer algunas observaciones sobre la novela *Cabo de Guerra* (2016), de Ivone Benedetti, y su relación con la historia, a través de la memoria de una agente doble que, al traicionar a sus compañeros, ayudó a la dictadura en su represión y tortura. La obra abarca los años de 1960 a 2009. Entre los recuerdos de su familia y el trauma de ver a su padre asesinado, hasta su llegada a São Paulo, donde su vida se guía por sus elecciones, entre la militancia en la lucha contra la dictadura y el servilismo a la dictadura, que dará título a la obra. El escenario son los años de plomo de la dictadura militar en Brasil, entre 1968 y 1974, y la narración revela hechos y personas que fueron referencias históricas, construyendo una relación de diálogo con la historia, destacando las proximidades y distancias que componen estas narraciones. También presenta características de la novela brasileña contemporánea, basada en el pasado reciente. Darse cuenta de la importancia de la literatura como fuente de conocimiento sobre este período, además de ser una fuente documental para el estudio de la historia. Para este texto, se utilizaron algunos autores fundamentales que abordan este tema, como Beatriz Resende (2008), Mikhail Bakhtin (2010), Sandra Jatahy Pesavento (2000), Giorgio Agamben (2009), entre otros, presentando sus abordajes sobre la literatura, la historia y su relación.

Palabras clave: Literatura contemporánea; Historia; Memoria; *Cabo de Guerra* (2016);

INTRODUÇÃO

O romance *Cabo de guerra* (2016) de Ivone Benedetti é uma obra que rememora os anos de chumbo no período ditatorial do Brasil (1968-1974) a partir das memórias de um agente duplo, num momento conturbado em que passava a política brasileira. Neste sentido este texto pretende fazer uma relação dialogada entre a história e a literatura, a partir das proximidades e distanciamentos que ocorre entre elas. Em tempos de globalização e de mudanças sociais surge alguns temas de urgência, dentre eles rever o passado traumático e identificar resquícios que compõem o cenário atual e as polaridades políticas. Identificar os contextos que direcionam para novas formações de identidades, lutas políticas e culturais. O contemporâneo possibilita esta nova forma de representação

da história, sem deixar o presente, mas relacionando com um passado não tão distante, acessível pelo olhar da literatura e por autores que vivenciaram este período.

Tanto a história como a literatura constituem narrativas de ponto de vistas selecionados e organizados, conforme suas especificidades, porém relacionando pela proximidade ou pelo distanciamento. Nesta pesquisa, a literatura como objeto de estudo e diálogo será o romance *Cabo de Guerra*, (2016) de Ivone Benedetti, e sua abordagem de referências históricas apresentadas no romance e com a própria história. Sobre essa relação muitos autores já teorizaram sobre esta intertextualidade e sua contribuição para melhor compreender alguns períodos históricos, principalmente no que se refere ao período marcado por grandes traumas e silenciamentos. A história enquanto memória, sob a abordagem de Eric Hobsbawm (2005), coloca a importância da história para além do seu campo de estudo, é útil para as ciências sociais e tem a pretensão de “transformação do mundo,” fazendo pensar e refletir sobre os tempos e ações do passado. Para isso recorre às fontes e documentos para dar veracidade aos fatos, dando credibilidade ao historiador e sentido ao passado.

No que se refere à relação história e literatura os estudos e reflexões de Sandra Jatahy Pesavento (2000) que trata desse assunto mais profundamente em “Fronteiras da ficção. Diálogos da história com a literatura” para ela a história narra os fatos, baseando-se nas fontes e comprovando sua investigação, enquanto que a literatura de uma determinada época resgata sentimentos, expressões não ditas, os silêncios, partes humanas que os documentos não conseguem captar. Também o artigo de Fernando Perlatto (2017), “História, Literatura e a Ditadura Brasileira: Historiografia e ficção no Contexto do Cinquentenário do Golpe de 1964” auxiliarão para compor esta análise que constitui o romance contemporâneo brasileiro.

O romance contemporâneo brasileiro, segundo Beatriz Resende (2008), apresenta-se com uma nova roupagem, muitas publicações, novos escritores e escritoras, novas editoras, essa fertilidade e multiplicidade de escritas se deve à liberdade de expressão provocada, entre outros fatores, pela democracia. Alguns grupos, apesar de

ainda não terem tanta visualização nos meios literários, como os negros, os indígenas, e as mulheres, e outros grupos, surgem com força e resistência, deixando os espaços marginais para “a representação nas instâncias de poder, a organização e a expressão dos movimentos populares, e sobretudo a necessidade de inclusão”, essas novas vozes surgem com a urgência de estarem no presente como descreve Resende:

[...] entre nós o sentido de presente aparece também com força e de múltiplas formas. Há na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado, quer pela força com que viveu o romance histórico, quer por manifestações de ufanismo em relação a momentos de construção de identidade nacional (Resende, 2008, p. 27).

A autora ainda reforça a questão da presentificação do romance contemporâneo como algo urgente e que precisa ser compreendido, não só na literatura, mas na vida cotidiana, um presente que não deixa de ser trágico, principalmente nas grandes cidades, seja real ou imaginária, ela é para muitos um espaço de combates, ela é o cenário de uma nova ordem mundial. Em *Cabo de Guerra* o cenário é por si só trágico e traumático, o medo e a violência fazem parte das ações que se desenrolam na capital paulista, nas ruas descritas pelo narrador vão apresentando o cenário em que tiveram seu auge nos anos de chumbo. Assim passados quarenta anos dos fatos, o narrador alterna o presente e passado, como se este não tivesse passado:

Nesta manhã de 2009 caio na real: essa história já tem quarenta anos. É passado. Ou deveria ser. Porque o passado não vivido não passa, fica atormentando, querendo ser chamado de presente, ocupando armários, cadeiras, sempre aí, sempre aqui. Então, tentando apagar essa presença deslocada, a gente revive tudo lembrando, mas quem revive não é a gente, e sim o passado, de modo que a gente passa o tempo realimentando o tempo, e isso não acaba nunca [...]. (Benedetti, 2016, p. 31)

O texto é narrado em primeira pessoa, sendo o narrador o próprio personagem que rememora fatos da infância e adolescência, além das memórias dos anos de chumbo, como protagonista do romance. A história é narrada pelo ponto de vista do narrador, sobre pessoas e suas relações com a esquerda ou com a ditadura, bem como suas ações que levaram muitos à morte, devido a sua participação enquanto traidor de seus companheiros. Ele próprio descreve os “fantasmas”, os mortos, que percorrem sua mente e seu espaço descrito aqui em poucas mobílias em um quarto em que está entrevado há anos, vitimado pelo mesmo lado no qual serviu como informante, foi vítima ou como causador nas emboscadas nas quais foi responsável.

O romance apresenta esse retorno aos momentos de maior repressão social por parte do período ditatorial no Brasil. Neste sentido, ele rememora as violências e torturas que, de certa forma, eram legalizadas, após a instituição do AI-5 em 1968, o personagem, ainda jovem vindo do interior da Bahia, chega a São Paulo, justamente na efervescência das repressões e suas ações percorrem os anos mais violentos, final de 1968 até dezembro de 1984 com o anúncio das “Diretas Já”, com o fortalecimento da esquerda pelo fim da ditadura com concentrações e manifestações públicas. Essa relação com o passado recente da nossa História é o que vai torná-lo uma fonte para estudos históricos de testemunhos, como diz a autora “eu vivi naquele tempo, e percebi como as pessoas não estavam entendendo nada, eram como loucos” (Literatórios#084, 11 de setembro de 2016), esse depoimento comprova sua relação de criação e interação com o leitor.

A realidade atual do país a partir da Comissão Nacional da Verdade (CNV), permite que esses temas sejam tratados com mais liberdade, de forma que a verdade seja relatada de várias maneiras, principalmente pela literatura, visto que a censura impediu que se falasse sobre qualquer ação ou posição contrária. Era como se não tivesse acontecido nada e o Brasil fosse um país próspero. A princípio algumas obras timidamente foram aparecendo, principalmente sobre casos de mortes e desaparecidos e sobre as torturas ocorridas naquele período, mas ainda insuficientes para expor a verdade, a ditadura foi cruel e ainda hoje vemos muitas pessoas apoiando e querendo a volta dos

militares no poder, tempos em que nossa democracia está sendo ameaçada. O presente é preocupante. A literatura é um dos meios de se fazer conhecer e refletir sobre o que foi realmente a ditadura. Ela faz esta ponte entre o que foi e o que poderá ser, ao lado das narrativas históricas podem evitar que o poder ditatorial “disfarçado de democracia” volte à tona.

HISTÓRIA E LITERATURA

As duas posturas narrativas: História e Literatura, expressam realidades de maneira diferente, a primeira defende sua veracidade, ou ao menos justifica suas narrativas com fontes e documentos, enquanto que a Literatura sendo a arte da palavra, e uma escrita “imaginativa”, mas não só isso, é uma linguagem peculiar, a atenção está na forma como ela é escrita, como se pode perceber em:

[...] Acordo outra vez hoje desse sonho. Como se tivesse nascido dele, morrendo, ele vem se repetindo, sempre o mesmo neste resto de vida que me foi concedido sei lá por quê. Vive em mim com as mesmas imagens, vertical, legível e a um só tempo ilegível, como um código de barras. Mas a mercadoria se deteriora no pacote. Fecho de novos olhos, a última imagem do sonho persiste nítida, sempre, desde que me entevi nesta cama: bato palmas em frente a um portão em Santos (Benedetti, 2016, p. 13-14).

O uso de metáforas pela autora vai construindo ao longo do romance essa estética que caracteriza uma das formas de escrita literária. A fala do narrador em primeira pessoa permite que se tenha um perfil de personagem consciente de sua posição social e emocional, que ao mesmo tempo revela um sujeito único e também as impressões que a autora deixa transparecer por ele. Segundo Mikhail Bakhtin, (2010) as análises estilísticas do romance baseiam-se em unidades que formam um conjunto caracterizando-se por um

“fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal,” estas unidades que compõem o gênero romanesco se decompõem novas unidades estilísticas:

1. A narrativa direta e literária do autor (em todas as suas variedades multiformes);
2. A estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral;
3. Estilizações de diversas formas da narrativa (escrita) semiliterária tradicional (cartas, diários, etc.);
4. Diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declamações retóricas, descrições etnográficas, informações protocolares, etc.;
5. Os discursos dos personagens estilisticamente individualizados (Bakhtin, 2010, p. 74).

A combinação destas unidades é que vai tornar original o gênero romanesco, porém independentes que se combinam ou se unem para formar a estilística do gênero romanesco, um conjunto de línguas, plurilíngues, uma parte que se identifica com o todo, uma combinação que determina o estilo combina com os estilos, (Bakhtin, 2010) constituindo múltiplas vozes, a partir desses conjuntos de elementos, define-se como:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo (Bakhtin, 2010, p. 74-75).

Para Bakhtin, essas unidades que compõem o romance, constitui as diversas vozes presentes no gênero: “o discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros

intercalados e os discursos das personagens”, e é o que vai torna-lo singular em relação ao seu estilo. Em *Cabo de Guerra*, nos deparamos com um narrador que vai descrevendo suas ações que o levaram à sua situação no presente de 2009. Descreve as pessoas a partir do seu ponto de vista, sempre com um sentimento de inferioridade ou de consciência de seu julgamento, em relação aos que estavam do lado da repressão, mesmo sendo humilhado e torturado, trai seus companheiros. Suas narrações vão construindo imagens das situações em que revelava onde seus companheiros iriam agir. Sua participação como agente duplo e o resultado:

O Alfredo foi preso cinco dias depois, numa emboscada bem montada. Ninguém desconfiou de meus serviços. Eu continuava na firma do coronel, que a partir de então deixou de me tratar com a condescendência do chefe e passou a usar a rispidez do militar (Benedetti, 2016, p. 154)

Das prisões quase todas resultavam em mortes, sem justificativa ou mascaradas por suicídio, esses relatos vão construindo um lado da história que não é oficial, mas é real pelos depoimentos e testemunhos de familiares e amigos das vítimas. Esse ponto de vista mostra com frieza o cenário de tensão e medo do período mais repressivo do regime ditatorial.

O romance apresenta vários fatos históricos que são marcantes neste período, a história começa a se fazer presente através de relatos e descrições das ações, tanto da perspectiva da ditadura como da militância. A literatura possui essa característica, criar o imaginário do que foi ou do que poderia ter sido. Eis a fronteira entre a história e a ficção, identificar momentos reais da história do Brasil, e as relações de sua autora com os acontecidos se torna uma fonte para contribuir na construção do imaginário para explicar como o passado ainda permanece vivo na memória de muitos:

Comecei a participar de passeatas, aquecido finalmente naquele terrível inverno de 68 não tanto pela roupa quanto pela convivência. Segundo ele ensinava, estávamos na iminência de

uma explosão das massas, reação a anos de repressão e descontentamento, embrião de futuras ações armadas, único meio de implantar uma nova sociedade; seus autores, membros de um grupo consciente, a vanguarda da revolução. Nós (Benedetti, 2016, p. 29).

O descontentamento em relação à política era uma realidade que procurava mudar a situação de opressão e derrubar os ditadores. A partir de novas perspectivas, a história se preocupa em como sua escrita é recebida e de onde ela vem, além de ser vista de ambos os lados, os de cima e os de baixo. O imaginário pode ser uma forma de sentir e expressar o real dos tempos passados e que também é atribuída a uma literatura testemunhal, pelo trabalho de pesquisa abstração das emoções e dos não vistos, o imaginário, enquanto que a história procura a verdade mais próxima do acontecido, mesmo assim a literatura e a história podem tratar do mesmo tema, porém de formas diferentes, podem se completar, pois a história humana é também construída das relações interpessoais, sobre uma determinada época, são duas formas de se conhecer uma realidade. Para esclarecer essa questão de diferenças e semelhanças e os conceitos são revistos, as abordagens são comparadas e analisadas, as diferenças estão associadas com a forma de narrar, de organizar os fatos acontecidos sobre a vida, ou seja

Atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real mais real que o real concreto[...] (Pesavento, 2006).

Esse imaginário é um sistema que reproduz as ideias do mundo racional e conceitual, é um conhecimento sensível, para Pesavento, o que se coloca no lugar do real construído a partir do olhar que se renova no tempo e no espaço. As construções dos imaginárias do mundo são sociais, históricas e datadas, são narrativas que se configuram

através de sentidos, ou seja, o texto literário é metafórico, verdade simbólica que orienta o historiador para o que ele não viu.

A história e a literatura mantem um diálogo através do imaginário sobre temas estudados e pesquisados. Esses discursos sobre o mundo acabam por desfazer as fronteiras entre verdade e ficção, real e não real, ciência e arte, essas relações que irão constituir o que aproxima ou distancia uma da outra e ambas se constituem por narrativas. A literatura apresenta um discurso privilegiado sobre o imaginário de uma época, um discurso do que poderia ter acontecido, enquanto que a história narra os fatos reais, verdadeiros, mas que dialoga com as narrativas literárias, justamente por ser uma referência a um determinado tempo, um relato que poderia ter ocorrido, por isso a literatura constitui uma fonte que está em sintonia com o seu tempo. As personagens são possibilidades, que carregam traços, defeitos e virtudes humanas que eram característicos do seu tempo. O narrador ou narradores da literatura é que vão fazer este trabalho de mediação do mundo imaginário e o do leitor, enquanto que a história, o narrador é o historiador, é ele quem seleciona e cruza as informações para elaborar uma trama, apresenta uma solução que possa convencer o leitor de que sua narrativa é uma versão mais próxima do real acontecido.

Os historiadores são neste caso os mediadores do mundo através da escrita e da leitura, eles elaboram versões possíveis aproximadas do que foi ou teria sido no passado. Uma verossimilhança, a narrativa histórica não constitui uma verdade, mas uma representação do passado, não uma certeza, uma vontade de atingir o passado através do esforço do pensamento com base nos documentos e fontes (Pesavento, 2006, n.p).

Ainda segundo Pesavento, a literatura como ficção acaba por se aproximar da história pelas seleções de temas e organização das tramas, ou seja, recria um período que também é recriado pela história, ou ainda pode-se pensar em quantas versões pode ter de um mesmo passado? Ela assim aproxima e distancia os textos, as versões imaginárias podem pelas escolhas chegarem no mesmo ponto. Neste sentido, Pesavento recorre a definição de ficção por Ginzburg, que segundo ele vem de *fictio de figulus*, que quer dizer “oleiro”

aquele que cria a partir do que existe, de algo, do que deixou algum vestígio, fontes, traços da evidencia de um acontecimento. Enquanto o escritor ou escritora têm a liberdade imaginária para criar sua ficção, o historiador está preso às fontes, mas a partir delas reconstrói o passado, inventa, e usa as fontes como se fossem rastros, se dedica à uma verdade possível. Ele problematiza o tema para então explicar e inventar o passado, logo o inventar é uma forma de ficção como força da imaginação, é uma construção de experiências de uma temporalidade pela narração. (Pesavento, 2006, n. p).

A história usufrui da literatura para construir o seu real, como fonte, ou como um interdiscurso das formas de conhecimento, neste momento é que acontece o diálogo. A partir de pontos de vista particular e específico de cada imaginário, a história faz as perguntas a fim de ter respostas pela literatura (Pesavento, 2006, n.p.).

Segundo Pesavento, esse diálogo entre as narrativas são formas transdisciplinar e interdisciplinar, de dizer o real, são as representações distintas, porém, ambas procuram dizer o real, usam de sensibilidade para ver a realidade e criar outras possibilidades. Neste sentido a literatura registra formas de pensar em um certo momento da história, e captura a impressão de vida, a energia vital presente no passado, uma realidade que é verdadeira para todos os efeitos, porém não no literal, mas que projeta o futuro, constituindo-se testemunho de seu tempo, e isso também é olhado pelo historiador, é fonte em si mesmo, assim sendo a “literatura é fonte privilegiada para o historiador – é narrativa seja pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta metafórica e alegórica”, é um multiplicador de possibilidades de leitura que permite ao leitor conhecer o mundo, uma época através dos testemunhos de seu tempo, esse imaginário que “embalam os sonhos e desejos dos homens”. Dessa forma é que a nova história cultural vai se construindo, a partir de novas fontes e objetos que vão auxiliar nas narrativas (Pesavento, 2006, n.p.).

Para Luiz Costa Lima, (2006) a escrita da história se constitui mais propriamente numa série de ficções verbais e tem mais em comum com a literatura do que com as ciências, pois seleciona valores de uma determinada sociedade inscritos no tempo e a

literatura amarra a história e a ficção, para ele “O ficcional literário incorpora, ainda que de maneira velada ou esotérica, parcelas da realidade” (lima, 2006, p.282).

Essa relação de proximidade da literatura e da história permite identificar no romance *Cabo de Guerra*, uma situação que causou e causa indignação por muitas pessoas que viveram e conheceram esta vítima entre tantas outras, mas que pela repercussão provocou um cessar das atividades violentas, neste período ditatorial, o romance assim se apresenta como uma das formas de lembrar para não esquecer, os lugares, pessoas e ações que serviram de cenário para os horrores da ditadura:

Depois dos acontecimentos todos em torno da morte de Herzog e de Manuel Fiel Filho, as coisas começaram a mudar. Tomás sentiu as reverberações, portanto eu também: ele foi afastado, passou para um setor burocrático qualquer, e eu perdi um bom bico. Não que ele estivesse diretamente envolvido naquelas mortes, se bem que não sei se sei tudo, mas acredito que não (Benedetti, 2016, p. 244).

Neste ponto o romance dialoga com a história, e permite uma reflexão sobre alguns fatos que viraram notícia e que até hoje pedem alguma justiça, fatos que a literatura consegue resgatar através do cotidiano do narrador ajudam a compreender como agiam no interior do regime como as ordens eram cumpridas, toda frieza causada pelas torturas e mortes de inocentes, somente pelo fato de se oporem e contestarem qualquer ação por parte do governo. Essa forma de retornar ao passado pelas memórias do narrador, diante de um cenário político que ameaça à democracia, além provocar o leitor a pensar sobre esse período, reconhecer que o Brasil teve um regime totalitário que foi causador de mortes legalizadas e autorizadas, que por mais que neguem, a literatura e a história estão sempre no presente lembrando que esse período não pode retornar, subentende-se aí o pacto com o leitor.

A literatura contemporânea apresenta algumas características que abordam conceitos renovados e temas recorrentes, um exemplo é o tempo, como fosse uma moda, ou ainda como uma divisão temporal que pode reatualizar qualquer momento do passado.

Essa questão do tempo no romance *Cabo de Guerra* (2016), de Ivone Benedetti é uma das características que marca essa escrita como contemporânea, a narrativa apresenta um retorno no tempo, ora quarenta anos, momento em que começa sua relação e comprometimento com a ditadura, ora lembranças da sua infância, no interior da Bahia. O papel fundamenta das memórias neste romance é o que vai abordar o tema da ditadura militar no Brasil, mais precisamente os anos de chumbo, período em que houve maior repressão por parte do governo, fatos reais que fazem parte da História do Brasil, momentos de tensão e repressão para muitas pessoas, configurado como “golpe de 1964”, e que perdurou até 1985. O ano de edição desse romance coincide com o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, que tinha como objetivo apurar os casos de tortura, mortes e desaparecimentos durante o período ditatorial, esse trabalho não tinha como finalidade punir os envolvidos, mas revelar que ao contrário do que afirma os porta-vozes do governo, que não houve violência, e que o povo estava conivente com o que acontecia, e também por conta da censura e dos silêncios, esses cinquenta anos de rememoração dos fatos declarados e testemunhados por muitos autores, que sentiram a necessidade de escrever sobre suas experiências ou de familiares e conhecidos. Rememorar um tempo para não esquecer, a literatura é uma das formas de dar voz aos que foram silenciados, aos sobreviventes, e sem dúvida ser umas das fontes para compreender a história.

O resgate desse período pela autora revela seu envolvimento e conhecimento das ações que ela própria viveu, outra característica do contemporâneo, ela é a fratura do tempo, ela consegue retornar e unir os tempos, através de seu personagem que acamado “agora” em 2009, narra suas ações que desencadearam na sua situação atual, vegetativa, mas consciente ou não de tudo que viveu nos anos de chumbo. Essa forma de escrita em que a história se mescla com a literatura, permite identificar às proximidades e os distanciamentos dessas duas posturas em *Cabo de Guerra*. Para isso o texto de Sandra Jatahy Pesavento, história e literatura: uma velha-nova história, servirá para nortear esse trabalho no sentido de esclarecer essas duas formas de abordar os acontecimentos reais da sociedade neste caso em que rememoramos o período ditatorial. Pesavento vai

desvendando essa trama entre história e literatura, deixando claro que os conceitos já não são mais os de um tempo atrás, e que as formas de relação entre uma e outra é de diálogo onde uma auxilia a outra, e que a ficção pode ser uma forma de interpretação e imaginação para compreender o mundo de uma realidade possível.

Uma das características da literatura contemporânea é a presença real do autor ou autora, é ele que olha para seu tempo, tempo de vida, como descreve Giorgio Agamben (2009) “ O poeta, que devia pagar a sua contemporaneidade com a vida, é aquele que deve manter fixo o olhar nos olhos do seu século-fera, soldar com seu sangue o dorso quebrado do tempo”, essa quebra do tempo é visível no romance quando se percebe um espaço entre o presente e o passado, essa fratura que se pretende como quebrado, e ao mesmo tempo impede de se compor, é um paralelismo. Outra imagem que podemos apreender com a análise de Agamben, é o poeta, ele é o contemporâneo, aquele que olha o seu tempo, e percebe as luzes e o escuro, percebe o fecho de trevas que vêm do tempo (Agamben, 2009, p. 60).

Por outro lado pode-se identificar outros aspectos da literatura, segundo Laura da Silveira Paula (2012), é propor uma leitura interpretativa que inclua uma leitura de mundo, das sociedades e suas organizações e neste processo é fundamental o pensamento subjetivo para sua compreensão, bem como as relações com outras áreas como filosofia, sociologia e história, mantendo condições interdisciplinares, multidisciplinares ou transdisciplinares, essas relações são necessárias para melhor compreender e transformar a sociedade sem perder a sensibilidade, para isso “é preciso olhar para o passado para localizar os entraves ou reaproveitar as alavancas”, retomar a capacidade de pensar, fazer pensar é uma urgência neste universo globalizado (Paula, 2012, p.11-14).

A literatura como essência da criação une a urdidura e a trama para compor um texto, nesta criação há uma relação muito íntima e profunda com seu autor e com a realidade, tanto objetiva como subjetiva, individual ou coletiva, é uma forma de expor sua percepção de mundo através da arte com a intenção de humanizar ou reumanizar o mundo, neste sentido a linguagem humana além de ser cultural é marcada pela

literariedade constituída por padrões como a subjetividade, a conotação poética, o imaginário ativado com ténues fronteiras entre ficção e realidade entre outros, quando nos referimos a ficção que para Costa Lima (2007), “é um modo discursivo ou uma modalidade do uso da linguagem” e a relação com a verdade “não é a proximidade com a realidade, mas a abertura de caminhos para o que está sob ela: o real. Para Lima “o ficcional literário incorpora, ainda que de maneira velada ou esotérica, parcelas da realidade” (Lima, 2006, p. 282, *apud* Rossetti, 2007).

Neste sentido a literatura dialoga com a história, ela se torna também uma das fontes que podem ajudar a história desvendar alguns espaços que só podem ser preenchidos pelo subjetivo, ou por aquilo que poderia ter acontecido, o imaginário que é característico da literatura e assim uma completa a outra. A história tende a se aproximar da literatura e outros momentos a se distanciar, como observa Pesavento, que a literatura é ficção e a história é verdadeira. Porém, ao buscar em documentos ou outras fontes ela se depara com uma definição de literatura que é o marco de um período, os personagens são fictícios, mas suas ações são reais daquele momento e fica eternizado na linguagem, quando a história busca informações em diversas fontes, a literatura é uma das formas que ajudarão a compreender detalhes ou circunstâncias sociais ou políticas.

Essa relação da literatura e da história foi mudando de acordo com as novas formas de abordar um tema, novas questões no campo de análise tanto na história como na literatura, a começar pelos novos conceitos que forma tomando novas significações, com isso o imaginário constitui-se do racional e o conceitual, uma forma de conhecimento científico e sensível, questiona as verdades e os modelos, essas mudanças oriundas de uma globalização perpassam pelas representações e dos simbólicos. Esse imaginário que vai dar suporte as teorias da história.

O romance brasileiro contemporâneo se apresenta como uma das formas de pensar o Brasil pelo um olhar diferente, o que era comum em uma literatura elitizada, o tradicional dá espaço agora para novas vozes e novas formas de abordagem e vocabulário voltado para o universo tecnológico e globalizante, não se quando nos referimos ao Brasil,

mas em toda a América Latina. Isso se deve à democracia, a oportunidade de liberdade de expressão permite que se abra novos caminhos, novos eventos que promovam esses autores e autoras, inclusive uma escrita de boa qualidade, revelando quem escreve e por que escreve.

A literatura contemporânea brasileira tem uma íntima relação com a história no que diz respeito aos contextos políticos e ao momento em que, percebe-se uma grande motivação dos escritores e escritoras em abordar a vida das pessoas neste conforme universo político em que afeta profundamente a realidade global. Segundo Beatriz Resende (2008), a partir de 1990 os modelos, conceitos e espaços que circulavam na literatura mais tradicional deixam de seguir um padrão estético de época para então ser um objeto de reflexão e análise social, assim como a sociologia e a antropologia, sem dizer na história, principalmente pelo viés político, as narrativas contemplam outros pontos de vista, outras vozes, inclusive de quem escreve e de outros espaços, sem precisar passar por grandes editoras ou pela “academia”. Seus estudos dizem respeito às múltiplas formas e instrumentos de divulgação devido as novas tecnologias, principalmente a internet, trocas de informações, palestras, debates e outros. O contemporâneo se apresenta a partir dessas novas vozes e novas abordagens que vêm das margens, mas que mantém uma relação muito próxima com os cânones em relação a qualidade desses textos (Resende, 2008, p. 15-17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance contemporâneo brasileiro se apresenta de forma diversificada, plural, no sentido de contribuir na reflexão sobre questões sociais que ainda precisam ser revisadas, como o período marcado pela repressão social e pela violência. O romance *Cabo de Guerra*, retoma um período de muita repressão, mais precisamente os anos de chumbo, conhecido como o golpe dentro do golpe, 1968-1974, é a memória pela

memória, um narrador sem nome, medíocre, que viveu uma vida dupla durante todo o romance, narrado em primeira pessoa, ele retorna quarenta anos, em um passado que é presente na memória.

A relação dialogada entre literatura e história, demonstra que as narrativas têm muito em comum e ao mesmo tempo são distintas, Pesavento detalha essa relação de proximidade e distanciamento, ao passo que a história se utiliza da literatura como fonte, pelo fato ela se permite aprofundar em questões subjetivas, importante em uma sociedade que de certa forma sobre pressões e convulsões, decorrentes do sistema ditatorial.

A literatura é um dos meios possíveis para denunciar, retomar ou apenas tornar público o que muitos acreditam não ter sido uma ditadura. Ela não deixa esquecer o que não ainda fere, a liberdade de expressão e a democracia. Se na história o pacto é o da veracidade, na literatura o pacto é ficcional, mesmo que abunde em referências factuais, em personagens históricos, o contrato é com a invenção, a imaginação e o fictício, mesmo que isto discute os silenciamentos, as tensões com esse passado que foi contido, rasurado, substituído, ou que parecia estar apagado pela imposição de uma ordem a que se permite resistir tanto tempo depois por meio da ficção.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENEDETTI, Ivone. *Cabo de Guerra*. São Paulo: Boitempo, 2016.

CAMINHA, Odelaide Barros. *Ficção Literária e Mimesis em Luiz Costa Lima*. Alea: Estudos neolatinos, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/RZckng76q6PHzGJngPB9Hqy/?lang=pt#/> Acesso em: 12 jun. 2024.

CARRETERO, Mario, et al. *Ensino da História e Memória Coletiva*. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Ensaios. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LITERATÓRIOS#084 – Cabo de guerra. Entrevista com Ivone Benedetti, Youtube, 11 de setembro de 2016. Disponível em: <https://youtu.be/-5hvMQFMKD0/> Acesso em: 12 jun. 2024.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de Literatura como Fonte Histórica e Relação entre Literatura e História. *Anais do VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria regional, XX Semana de História*- 6 a 9 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf/> Acesso em: 10 mar. 2024.

PERLATTO, Fernando. História, Literatura e a Ditadura Brasileira: Historiografia e Ficções no Contexto do Cinquentenário do Golpe de 1964. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, nº 62, p. 721-740, setembro-dezembro 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha nova história, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos. *Debates*, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560/> Acesso em: 10 mar. 2024.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

ROSSETTI, Emerson Calil. Questões de História e de Literatura. *Itinerários*, Araraquara, n. 25, 297-299, 2007.

Data de recebimento: 27/07/2024

Data de aprovação: 27/09/2024